



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ATIVIDADE FÍSICA, DESEMPENHO MOTOR E
SAÚDE



**O UNIVERSO DO FUTEBOL FEMININO NA CULTURA BRASILEIRA:
CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE RECORTES MIDIÁTICOS**

ARTIGO DE ESPECIALIZAÇÃO

Camila Valduga

Santa Maria, RS, Brasil
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

O UNIVERSO DO FUTEBOL FEMININO NA CULTURA BRASILEIRA:
CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE RECORTES MIDIÁTICOS

Por

Camila Valduga

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização do Programa de Pós-Graduação em Atividade Física, Desempenho Motor e Saúde, Área de Concentração em Cenários Esportivos na Mídia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Especialista em Atividade Física, Desempenho Motor e Saúde.**

Orientador: Prof. Dr. Antonio Guilherme Scmitz Filho

Santa Maria
2013

O UNIVERSO DO FUTEBOL FEMININO NA CULTURA BRASILEIRA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE RECORTES MIDIÁTICOS¹

Antonio Guilherme SCHMITZ FILHO²
Camila VALDUGA³

RESUMO

Este artigo discute a importância do papel da mulher na cultura esportiva brasileira, revisando sua relação com a sociedade e analisando a influência dos meios midiáticos na elaboração de sua identidade quanto elemento constituinte do cenário esportivo. O objetivo deste trabalho foi averiguar a apreciação da mídia em relação a participação da mulher no esporte, com destaque ao futebol feminino, nas Olimpíadas de Londres 2012. O material empírico constou de reportagens e imagens de dois *sites* com destaque nacional, Globoesporte.globo.com e Folha.com.br. Ao longo do seu desenvolvimento, o artigo discute a história, a hierarquização do masculino, e a criação de padrões de comportamento no esporte brasileiro. Procura, ainda, debater o papel da mídia na produção e reprodução de uma ideologia esportiva, e insere a questão da prática de movimentos como indispensável para criação de uma cultura esportiva igualitária, onde mulher e homem tenham voz e vez em conjunto.

Palavras-chave: Mulher. Esporte. Cultura. Mídia. Análise.

1. Introdução

Este artigo investiga a participação feminina no cenário esportivo brasileiro, destacando o universo do futebol. Tal propósito baseia-se na discussão do enfoque dado pela mídia a mulher esportista ao longo da história e agora mais recentemente nos Jogos Olímpicos de Verão Londres – 2012, em ênfase as partidas de futebol feminino.

Busca-se com este trabalho diagnosticar como os meios midiáticos apresentam os conceitos relacionados a presença feminina no esporte e os problemas de ordem teórico-esportiva que podem ser constatados nessa análise.

¹ Artigo de Conclusão do Curso de Especialização do Programa de Pós-Graduação em Atividade Física, Desempenho Motor e Saúde da Universidade Federal de Santa Maria

² Orientador do trabalho. Professor (categoria adjunto) do Departamento de Desportos Coletivos do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ e doutor em Processos Midiáticos pela UNISINOS/RS, orientador da linha de pesquisa Conteúdos Esportivos Midiáticos, schmitzg@terra.com.br.

³ Autora do Trabalho. Especializanda no Programa de Pós-Graduação em Atividade Física, Desempenho Motor e Saúde da Universidade Federal de Santa Maria, camila.cefd@gmail.com

Ao pensar o ambiente esportivo como agente capaz de transparecer valores e verdades de um povo, verifica-se sua importância fundamental na construção da história do ser humano. Caracterizado como manifestação sociocultural, entende-se o esporte como um dos meios culturais mais significativos do mundo contemporâneo, assumindo papel de fenômeno social.

Essa apropriação do esporte enquanto fenômeno social, trás consigo as características e os valores de uma determinada sociedade, em um determinado tempo, visto que o meio esportivo encontra-se em constante transformação. Esses fatores socioculturais, adquiridos e incorporados ao longo das décadas interferem decisivamente na prática de um esporte, atraindo algumas pessoas e afastando outras, dando características específicas a cada modalidade, em cada época e em cada contexto. É nesse ponto que o esporte feminino surge como fenômeno social recente.

É inquestionável a visibilidade que o esporte, nas suas mais diferentes dimensões, tem na cultura contemporânea. No entanto, quando se trata da relação esporte e mulher, nota-se certa desvalorização do papel feminino frente ao mundo esportivo. No Brasil, por exemplo, a inserção das mulheres no mundo do esporte data de meados do século XIX. E é somente a partir do começo do século XX que a participação aumenta ganhando um pouco mais de reconhecimento.

Pensando o esporte como um meio de democratizar, gerar cultura e relações sociais saudáveis, notamos que as condições de acesso e participação das mulheres, no campo das práticas corporais, sejam elas no esporte de rendimento, no lazer, na educação física escolar ou na visibilidade conferida pela mídia, mesmo com significativo crescimento nos últimos anos, ainda são inexpressivas.

Tomando estudos históricos, de ensino e recortes midiáticos, como base pessoal e investigativa, busca-se problematizar a questão da dificuldade de acesso das mulheres no cenário esportivo; observando suas conseqüências na construção da cultura esportiva brasileira

Com isso, a investigação recobre a participação feminina, em especial da seleção feminina de futebol, na Olimpíada de Londres (2012) por intermédio da sua apresentação nos *websites*: Globoesporte.globo.com e Folha.com.br.

Acredita-se que estudos sobre a participação feminina no esporte se fazem necessários para compreender os processos históricos e contemporâneos através dos

quais se deu a inserção, permanência e ampliação da participação das mulheres no campo das práticas corporais e esportivas.

A importância das Olimpíadas para construção cultural esportiva e a necessidade da manutenção do esporte sem hierarquizações, justificam a escolha desse tema pela luta da inserção da mulher no esporte. Têm-se como intenções pessoais buscar respostas para a falta de incentivo dado às atletas femininas nas diferentes modalidades esportivas, assim como a carência de publicações e menções sobre a importância da mulher no mundo do esporte.

Além disso, a reflexão em torno da inclusão da mulher no esporte permite reconstituir conhecimentos e recursos para intervir no processo educativo, no desenvolvimento de estratégias diferenciadas para o entendimento esportivo, na formação de uma cultura esportiva inclusiva e fundamentalmente na concepção de novas possibilidades de ensinar, pesquisar e interagir com a comunidade através do esporte.

Seguindo desse pressuposto, o tema apresentado nesse artigo refere-se aos recortes midiáticos do esporte, especificamente à participação da mulher e à suas conquistas e lutas enquanto elemento constituinte do cenário esportivo. A discussão foi pautada nas idéias preconcebidas da sociedade e no papel da mídia na ideologização de uma cultura esportiva predominantemente masculina. Discute também a real participação da mulher no futebol, os seus desafios e suas conquistas.

Assim, a discussão proposta no presente artigo é resultado de um trabalho de pesquisa centrado na análise acerca da midiaticização da noção do esporte desde a sua inclusão como meio de entretenimento midiático até caracterização da mulher como elemento de manutenção para o espetáculo esportivo.

2. Procedimentos Metodológicos

A produção das informações da pesquisa foi baseada na análise da relação entre mídia, sociedade-cultura, esporte, futebol e mulher. Fundamentalmente na forma como se dá a apreciação jornalística em torno do esporte feminino no Brasil.

O trabalho buscou ver como a mídia de *websites* de grande circulação transmitiu as reportagens de futebol feminino e de esportes femininos durante os Jogos Olímpicos 2012 através de análise qualitativa por meio de um estudo exploratório,

ao comparar principalmente o que foi escrito nas reportagens com a literatura sobre mulheres que praticam esporte.

Para elaboração desse trabalho foram analisadas notícias e fotos publicadas nos sites *Globoesporte.globo.com* e *Folha.com.br*, no período de 24 julho de 2012 (um dia antes do início da competição) à 13 de agosto de 2012 (um dia depois do encerramento), durante a realização dos Jogos Olímpicos de Verão, em Londres. Posteriormente e em conformidade aos episódios e fatos mais relevantes relacionados à participação feminina no esporte, outras fontes serão relacionadas à verificação como complemento do estudo, como artigos, jornais e revistas.

Neste sentido, foi revisado, em relação à participação feminina na cultura esportiva, os seguintes pressupostos: a) a condição da “essência feminina” (atributos físicos) apregoada jornalisticamente em relação as habilidades no esporte, b) talentos esportivos listados e relacionados a mulher, c) sentidos conferido a participação feminina na prática esportiva brasileira e d) análise e compreensão da relação mulher e esporte no Brasil.

A investigação foi norteada pelos seguintes procedimentos: 1) busca, aquisição e organização do material referente à cobertura da mídia esportiva em um período pré-determinado; 2) estudo e avaliação do material adquirido; e 3) Elaboração de um roteiro (com indagações) para confecção de uma planilha inicial de análise e descrição.

Para tanto, a organização metodológica toma referência em SCHMITZ (2005), fundamentalmente à ênfase que o autor apresenta para estudos cartográficos como forma de detectar as relações entre os sistemas esportivo e jornalístico e as tensões e retroalimentações entre eles e o ambiente.

O autor estabelece um roteiro de indagações que ajuda a pontuar questões específicas e auxilia na manutenção de uma visão geral do ordenado metodologicamente. Tomando por base às sugestões apresentadas, algumas indagações serão adaptadas. São elas:

- Quais as demandas jornalísticas que são determinantes para o desenvolvimento das apreciações em relação ao papel da mulher na cultura esportiva brasileira?
- Como a notícia age na formatação de um entendimento e de uma compreensão da relação esporte-mulher?
- Como a informação referente a participação feminina na prática esportiva é tratada em diferentes situações?

- Qual o papel da mídia na construção de uma cultura que incentive o futebol feminino?

Observando-se as indicações sugeridas, foi desenvolvido um ROTEIRO (SCHMITZ, 2005), que serviu para alinhar uma planilha de análise coerente com as proposições estabelecidas.

Para efeito de ênfase nos recortes que foram utilizados na descrição, foi utilizado um movimento de readequação (de macro > para micro análise), para uma compreensão mais específica em torno do objetivo do trabalho.

Nesse contexto foram indicados acontecimentos, sujeitos e relações que, segundo sua análise, definiram os percursos da participação feminina no esporte brasileiro. Assim, a análise esteve focada na reconfiguração da participação da mulher na cultura esportiva, em destaque no futebol.

3. Discussão Teórica

3.1 Apreciação dos Processos Históricos e Conceituais

A história da mulher no esporte reflete a maneira como ela, mulher, era/é vista nos diferentes momentos históricos nos quais o esporte foi pensado, construído, organizado e praticado. Segundo BERGER e LUCKMANN (2002), a sociedade é construída pelo próprio homem e ao mesmo tempo em que o homem constrói e molda essa sociedade é por ela influenciado e é por ela moldado.

LOURO (1996), complementa essa ideia, afirmando que há as articulações de gênero com classe, etnia, raça, sexualidade e etc, tornando necessário pensar o poder como uma rede complexa.

Segundo SIMÕES (2003), é estatisticamente certo que a frequência das mulheres nos diferentes tipos de esporte é um fenômeno representado pelas transformações institucionais e estruturais por que se passou e passa o esporte contemporâneo.

De uma forma geral, Marcelo Mauss, apud KOFES (1992) coloca que: “ [...] o corpo aprende e é cada sociedade específica, em seus diferentes momentos históricos e com sua experiência acumulada que o ensina (...) nele marcando as diferenças que ela reconhece e/ou estabelece [...]”.

Na Grécia antiga, por exemplo, a mulher era condenada à submissão e à obediência. No que diz respeito ao esporte não podiam participar e nem assistir às competições. O veto às mulheres estava no primeiro item do regulamento Olímpico, que proibia a participação delas em qualquer modalidade.

As mudanças foram lentas e vários séculos se passaram antes que as mulheres começassem a conquistar o direito de praticar esportes. Foi a partir do Renascimento que elas foram liberadas a praticar algumas modalidades. A participação efetiva do sexo feminino nos esportes competitivos aconteceu apenas nos Jogos Olímpicos de 1900.

O percentual de países que enviaram atletas do sexo feminino passou para 2% em Paris (1900), chegou a 9% nas Olimpíadas de Londres (1908), a 45% nas Olimpíadas de Antuérpia (1920), a 54% em Amsterdã (1928), a 70% em Montreal (1976), a 85% em Atlanta (1996), a 96% em Pequim (2008) e finalmente chegou a 100% em Londres (2012).

Segundo GOELLNER (2005), apesar da inserção da mulher em meados do século XIX, é somente nas primeiras décadas do século XX que a participação feminina se ampliou e elas começaram a ocupar o campo do esporte, seja nas dimensões do lazer, da educação escolar ou da competição. Hoje, quando se mapeia o território esportivo, verifica-se que a mulher está presente na prática de quase todas as modalidades esportivas; e, simultaneamente, assistimos a uma transformação visível das representações sociais face à sua infiltração nessa prática.

No Brasil, a inclusão da mulher no esporte de alto rendimento também foi lenta. Toma-se por base os números dos Jogos Olímpicos, maior competição esportiva do mundo, para confirmar essa afirmação pode-se observar a Tabela 1*.

* Tabela 1: Evolução da Participação Feminina de Atletas Brasileiras Nos Jogos Olímpicos

Número de atletas das delegações brasileiras nas Olimpíadas, por sexo

Olimpíada	Homens	Mulheres	Total	% feminino
Londres 2012	136	123	259	47,5
Pequim 2008	144	133	277	48,0
Atenas 2004	125	122	247	49,4
Sidney 2000	111	94	205	45,9
Atlanta 1996	159	66	225	29,3
Barcelona 1992	146	51	197	25,9

Fonte: Comitê Olímpico Brasileiro. Disponível em: <http://www.cob.org.br>

Falando do Brasil ainda, a primeira participação feminina em Olimpíadas aconteceu há 81 anos, quando a nadadora Maria Lenk participou das Olimpíadas de Los Angeles, em 1932. Por coincidência, o mesmo ano em que as mulheres brasileiras conquistaram o direito de voto. As Olimpíadas de Barcelona (1992) foram as últimas em que as mulheres brasileiras não conquistaram medalhas. De lá para cá, tem havido maior igualdade de gênero no pódio, como pode ser observado na Tabela 2.**

** Tabela 2: Evolução das medalhas conquistadas por atletas brasileiras nos Jogos Olímpicos

Medalhas conquistadas pelo Brasil, por sexo, nas Olimpíadas de 1992 a 2012

Olimpíadas	Medalhas de ouro				Medalhas de prata				Medalhas de bronze				Total			
	H	M	T	%	H	M	T	%	H	M	T	%	H	M	T	%
Londres 2012	1	2	3	67	5	0	5	0	4	5	9	56	10	7	17	41
Pequim 2008	1	2	3	67	3	1	4	25	5	3	8	38	9	6	15	40
Atenas 2004	5	0	5	0	0	2	2	100	3	0	3	0	8	2	10	20
Sidney 2000	0	0	0	0	5	1	6	17	3	3	6	50	8	4	12	33
Atlanta 1996	2	1	3	33	1	2	3	67	8	1	9	11	11	4	15	27
Barcelona 1992	2	0	2	0	1	0	1	0	0	0	0	0	3	0	3	0

Fonte: Comitê Olímpico Brasileiro: <http://www.cob.org.br>

E foi agora nos Jogos Olímpicos de Londres a primeira vez que as mulheres brasileiras conquistaram duas medalhas de ouro em duas olimpíadas consecutivas. O que os dados mostram que o crescente número de participação feminina nas competições olímpicas tem resultado em um aumento do número de medalhas conquistadas pelo país.

Mesmo com essa inserção feminina crescente, o ambiente esportivo, de maneira geral, ainda é bem “machista” em seus vários níveis. Há mais atletas masculinos, mais equipes masculinas inscritas nas competições nacionais, mais técnicos, comentaristas, repórteres especializados, assim como mais homens do que mulheres em cargos administrativos.

Baseando-se nessa premissa de que o esporte é um universo predominantemente masculino, e considerandando-se que gênero é uma categoria fundamental na vivência das práticas corporais, no jogo e no lazer, falar sobre questão de gênero na prática esportiva é de suma importância para o desenvolvimento e compreensão do papel feminino no mundo esportivo.

A utilização do termo gênero tem por objetivo enfatizar o caráter social das distinções baseadas no sexo. Busca-se por meio de definições dos conceitos de

gênero tentar explicar uma das razões da exclusão da participação feminina relacionada ao esporte.

“Ao discutir a situação feminina na sociedade, especificamente no esporte, é indispensável refletir sobre os aspectos relacionados ao gênero. O gênero se torna uma categoria útil de análise que nos permite compreender conceitos, valores e representações circulantes na nossa sociedade.” (SCOTT, 1995)

O feminino e o masculino ainda têm valores desiguais na nossa sociedade (desiguais, não quer dizer diferentes), e isso se reflete também no cenário esportivo. Meninos e meninas são limitados a experiências que condizem apenas com seu gênero. Ou seja, há tarefas e comportamentos normais de um ou de outro sexo.

Levando em consideração as diferenças socialmente criadas a prática esportiva acaba colocando em cheque a graciosidade, a delicadeza e a beleza da mulher, atributos esses colocados como de “essência feminina”. São essas características socialmente pré-estabelecidas (mulheres frágeis, homens fortes) que acabam operando como mecanismos de exclusão e inclusão em diferentes modalidades esportivas. Posicionam as mulheres, demarcam seus espaços de sociabilidade, pois insistem em afirmar que determinadas atividades não são apropriadas aos seus corpos.

Esses estereótipos criados sustentam as desigualdades como modelos. Essa simbolização acaba por ser refletida no ambiente social. Esse tipo de demanda diferenciada para meninos e meninas acaba sendo negativo para ambos. E no caso das mulheres em específico, acaba afastando-as da prática de atividades físicas e assim limitando sua experiência de movimentos e afastando o gosto pelo esporte.

“É de esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão "características" de cada gênero? (...) E quando ocorre uma situação oposta à esperada, ou seja, quando encontramos meninos que se dedicam a atividades mais tranquilas e meninas que preferem jogos mais agressivos, devemos nos "preocupar", pois isso é indicador de que esses/as alunos/as estão apresentando "desvios" de comportamento?” (LOURO, 1997)

A presença da mulher no mundo do esporte representa assim, dentro de um universo construído e dominado por valores masculinos, uma luta constante pela afirmação de que elas também são capazes de praticar com êxito as mais diferentes modalidades esportivas. Essa presença crescente, constante e expressiva de mulheres, praticando, competindo e sendo bem-sucedidas no cenário esportivo, cria

uma nova representação sobre a mulher na sociedade, diminuindo assim, aparentemente, as desigualdades e preconceitos.

3.2 O Futebol Feminino no Brasil

Quando se fala em esporte no Brasil, o futebol assume um lugar de destaque, concentra praticamente toda a atenção da população. O futebol brasileiro vai além de uma simples modalidade esportiva; levando em consideração aspectos históricos, sociais e culturais é possível percebê-lo como referência de popularidade. Explorado por todos os meios de comunicação, este esporte coletivo que é o “xodó” nacional, influência direta na cultura do brasileiro, atrai todos os gêneros, raças, e faixa etárias.

BORELLI (2001) complementa explicando que os eventos esportivos, como movimentos sociais, não se limitam apenas a representar uma competição, pois refletem também características culturais, econômicas, sociais, políticas, étnicas, religiosas. Assim, os acontecimentos esportivos assumem a condição de fatos complexos, que trazem um conjunto de dimensões das relações interculturais, onde os atores sociais não são apenas os competidores, mas a platéia, os dirigentes, os meios de comunicação, os patrocinadores, os diretores esportivos, etc.

Particularmente no caso brasileiro, o futebol é parte fundamental da cultura do país tomada como representação da identidade nacional, incorporando na sua prática os valores da sociedade. O futebol é espetáculo popular. Constitui, portanto, fenômeno social observável na vida cotidiana que se articula com símbolos culturais, produção cultural, economia e política.

No cenário esportivo brasileiro, no entanto, no que diz respeito ao futebol feminino são poucos os incentivos. FRANZINI (2005) fala que a presença feminina dentro das quatro linhas ainda busca sua afirmação. Segundo dados recentes da Confederação Brasileira de Futebol⁴, o país tem cerca de 400 mil jogadoras, número irrisório se comparado ao dos atletas profissionais masculinos. Uma das possíveis causas da exclusão das mulheres do mundo do futebol é a cultura de que “futebol é coisa para macho” e que mulher não entende nada de jogo. Essas idéias

⁴ Fonte no site da CBF (Confederação Brasileira de Futebol). <http://www.cbf.com.br/>

preconcebidas acabam padronizando o envolvimento feminino com o jogo e dificultando assim o acesso delas ao mundo do futebol.

Como o futebol é em sua origem um espaço eminentemente masculino, as mulheres não são vistas como contribuintes importantes para a construção histórica desse esporte. O que torna o futebol feminino um dos aspectos menos conhecidos e debatidos no Brasil.

O número de mulheres brasileiras que hoje praticam o futebol em clubes e área de lazer aumentou se comparado à década anterior; e os campeonatos regionais e nacionais proliferam a lento modo.

Segundo ALVIN (2009), as mulheres vêm lutando para conquistar os seus espaços e reconhecimento no universo futebolístico. O número de mulheres que torcem e conhecem futebol tem aumentado cada vez mais, e já se constata pequeno avanço das mulheres na apresentação e produção de matérias esportivas na mídia brasileira.

Entretanto a presença feminina nesse desporto ainda busca sua afirmação.

“[...]ainda é precária a estruturação da modalidade no país pois são escassos os campeonatos, as contratações das atletas são efêmeras e, praticamente, inexistem políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo às meninas e mulheres que desejam praticar esse esporte, seja como participantes eventuais, seja como atletas de alto rendimento. Para além destas situações a mídia esportiva pouco espaço confere ao futebol feminino [...]” (GOELLNER; S.V. 2005.)

Exemplo claro da desvalorização da atleta no Brasil é a jogadora Marta⁵, mesmo ganhando cinco vezes (2006, 2007, 2008, 2009 e 2010) o prêmio de melhor jogadora de futebol do mundo, não tem seu talento devidamente reconhecido no país, comparando com o destaque que a mídia brasileira proporciona aos atletas homens.

De acordo com MOURÃO E MOREL (2005) o futebol feminino nas mídias passa por efeito “sanfona”, porque após ganhar destaque na mídia ela sofre retração. Ou seja, quando o time feminino esta em alta, ou a própria Marta esta em alta, aí sim os brasileiros escutam falar do futebol feminino.

Se já é escassa a quantidade de jogadoras de futebol, não há um número considerável de mulheres nas comissões técnicas dos clubes de futebol feminino,

⁵ Marta é ainda embaixadora da Boa Vontade da ONU pelos ODM (Objetivos de Desenvolvimento do Milênio), com ênfase especial na questão da emancipação feminina.

nem no nível administrativo das entidades que regem este esporte. O que evidencia ainda mais a exclusão feminina nesse meio.

Mesmo com todos os obstáculos apresentados, há mulheres presentes no futebol brasileiro. Vão aos estádios, assistem campeonatos, treinam, fazem comentários, divulgam notícias, arbitram jogos, são técnicas, compõem equipes dirigentes... Enfim, participam do universo futebolístico mesmo sendo minoria absoluta. Essas mulheres transgridem ao que convencionalmente se designou como sendo próprio de seu corpo e de seu comportamento, confrontam a hegemonia esportiva masculina historicamente construída e culturalmente assimilada e enfrentam os preconceitos e também as estratégias de poder que estão subjacentes a eles. E é somente assim que o futebol feminino ganhará sua afirmação como constituinte do esporte brasileiro.

Em se tratando de um país como o Brasil, onde o futebol é discursivamente incorporado à identidade nacional, torna-se necessário pensar, o quanto este ainda é, para as mulheres, um espaço não apenas a conquistar, mas, sobretudo, ressignificar alguns dos sentidos que a ele estão incorporados de forma a afirmar que esse espaço é também feminino.

3.3 Pressupostos à discussão do sentido atribuído a representação feminina no contexto esportivo midiático

Como todo fenômeno de massa, os eventos esportivos são atualmente um dos movimentos sociais que mais estão na mídia, seja por questões de ordem de mercado ou cultural.

Na relação esporte e cultura, o sistema midiático, pela sua ação reguladora na construção de valores e atributos, tem o poder de criar uma ideologia esportiva. Essa ideologia padroniza o envolvimento das pessoas com o jogo, incluindo ou excluindo a participação de um determinado grupo. Portanto, os esportes que estão em evidência nas mídias, geralmente são os mais praticados pela sociedade.

BETTI (1997), afirma que não é mais possível referir-se ao esporte contemporâneo sem associá-lo aos meios de comunicação de massa. A relação esporte-televisão vem alterando, progressiva e rapidamente, a maneira como praticamos e percebemos o esporte.

De acordo com, BORELLI (2001) na cobertura de espetáculos esportivos, a mídia mobiliza estratégias para chamar a atenção de seu público e manter, assim,

uma audiência elevada. Nesta perspectiva, cada mídia, com seus interesses, agregam acontecimentos de acordo com estratégias que satisfaçam a todo um conjunto de fatores envolvidos: os patrocinadores, a audiência, o dono da empresa de comunicação, etc.

A sociedade transporta para o ambiente do esporte a lógica que o sistema esportivo auxiliado por uma ou por um conjunto de mídias constrói como o ideal. Assim, indiretamente, a mídia acaba dificultando o acesso feminino às práticas esportivas. Conforme RUBIO & SIMÕES (1999), mais uma vez temos o esporte como uma tela onde se projetam os valores culturais de cada sociedade na qual ele é praticado, reproduzindo seus sistemas e também suas peculiaridades sociais.

Segundo BRAGA (2012), as mudanças decorrentes de processos de interação em “mídiatização” modificam (e modificarão crescentemente) o perfil, os sentidos e os modos de ação dos campos sociais; que outros campos se desenvolvem; e sobretudo que os modos de interação entre os campos sociais e entre cada um destes e a sociedade ao largo continuarão a se modificar.

Levando-se em consideração que a concepção de esporte é mutável, conforme o tempo ou o tipo de sociedade, já se observam inúmeras transformações referentes à inclusão de homens e mulheres em atividades tidas como exclusivamente femininas e masculinas.

FAUSTO NETO (2000) chama a atenção para a existência dos múltiplos discursos no campo jornalístico, que funciona apenas como um articulador entre os diferentes campos simbólicos: da medicina, da saúde, da tecnologia, entre outros. A produção de sentidos pelas mídias passa, pela existência destes inúmeros “regimes de discursividade”. O acontecimento esportivo pode ser entendido como resultante de uma transação de inúmeras falas de diversos campos. Assim como o jornalista é visto como um “manejador” de informações, as mídias podem ser entendidas como um lugar de passagem de produção de sentidos.

Mesmo com o avanço acerca da igualdade de sexo perante o esporte, este não deixou de ser generificado. Às mulheres, cabe o destaque de suas qualidades femininas, frisando-se que são atletas, mas continuam mulheres. De acordo com JAEGER, (2006) a mídia tem tratado com desigualdade mulheres e homens nas suas coberturas esportivas, priorizando a presença masculina em seus programas e marginalizando mulheres. A mídia apresenta comentários preconceituosos e vincula a imagem da mulher a aspectos relacionados às formas corporais, beleza,

sensualidade e sexualidade da atleta, colocando em segundo plano as experiências e conquistas femininas no esporte.

Ou seja, de uma maneira geral, a mídia esportiva ignora as conquistas femininas nesse campo, evidenciando sempre os valores masculinos do esporte. Os homens são apresentados de forma a destacar suas habilidades físicas e atléticas, enquanto as mulheres são exibidas em termos de sua feminilidade e atrativos físicos em detrimento do talento esportivo.

Segundo KNIJNIK E SOUZA (2007), alguns estudos internacionais mostram como a mídia esportiva privilegia os esportes masculinos, quando comparados aos femininos, e apesar da crescente participação das mulheres em eventos desportivos de competição, as mesmas ainda são submetidas a estereótipos, sobretudo relacionados ao corpo e à sexualidade. A falta de cobertura da mídia para os eventos esportivos femininos reflete não só as crenças culturais existentes que associam os esportes com as masculinidades, mas também reproduzem uma hierarquia institucional na qual os homens dominam e controlam aquilo que se discute na mídia esportiva.

Para mulheres que atuam em modalidades nas quais o domínio masculino é mais evidente, o preconceito e a discriminação são ainda maiores. No futebol brasileiro isso é muito claro. Apesar das conquistas, e dos ótimos resultados internacionais, as atletas brasileiras continuam desconhecidas para maioria da população.

“Mesmo as mais recentes tentativas oficiais de incentivo ao futebol feminino no Brasil escorregam no machismo característico de nossa cultura, como foi o caso do Campeonato Paulista Feminino de 2001. À época, reportagem do jornal *Folha de S. Paulo* revelou que um dos pontos do projeto elaborado pela Federação Paulista de Futebol e pela empresa Pelé Sports & Marketing para o torneio condicionava seu sucesso a "ações que enalteçam a beleza e a sensualidade da jogadora para atrair o público masculino". Tradução: calções minúsculos, maquiagem e longos cabelos, presos em rabos-de-cavalo.” (FRANZINI, 2005)

Nessa citação fica claro o menosprezo da mulher quanto esportista. As atletas femininas são desvalorizadas nas suas habilidades, mas destacadas em seus atributos físicos. A mídia como informante, poderia igualar as condições das mulheres aos homens; mas, na realidade, não acontece isso.

No entanto, levando em consideração FALQUETO (2012), não se pensa em criticar a importância dada pela mídia ao futebol. É um assunto delicado. O intuito é questionar a forma como é trabalhado a figura da mulher perante os discursos

mediáticos, não criticar o futebol quanto esporte. Pretende-se questionar estruturas de representação, não minimizar a questão em radicalismos sobre quem é melhor ou mais competente.

Cabe, assim, a iniciativa em se desenvolver ações em conjunto para desvincular o esporte da influência midiática exercida via desvalorização da mulher quanto atleta e praticante de atividade física. Os meios midiáticos, visando levar uma imagem positiva da mulher atleta/praticante, devem destacar o talento esportivo feminino, bem como os benefícios da prática do esporte.

4. Resultados e Discussões

Durante séculos, mulheres não podiam nem aprender a ler e escrever, quanto mais praticar esportes. Com passar dos anos, através de muita luta, as mulheres foram conquistando seu espaço na história, e foram mudando essa realidade. Atualmente vemos mulheres praticando os mais diferentes esportes, e cada vez mais conquistando seu lugar no mundo esportivo, e conseqüentemente nos Jogos Olímpicos.

Foi seguindo esse pensamento, que foram analisadas notícias e fotos publicadas nos *sites* Globoesporte.globo.com e Folha.com.br, durante a realização dos Jogos Olímpicos de Verão, em Londres.

Durante esses dois meses de busca e aquisição de material, foram encontradas as mais diferentes reportagens e matérias sobre a presença feminina nos jogos, tentou-se fazer uma seleção com as quais mais chamaram a atenção ao longo desse tempo.

De maneira geral, podemos concluir que as informações veiculadas pelos *sites* analisados são organizadas basicamente em três principais elementos. 1: Estereótipos apregoados a mulher. (Apresentam informações relacionadas a proibição e permissibilidade da prática do esporte pelo público feminino); 2: Habilidade. (Destacando a performance das atletas); e 3: “Beleza”. (São matérias que exaltam as características de feminilidade “normativa” das mulheres).

As Olimpíadas de Londres surgem como um marco importante na luta pelos direitos das mulheres. Pela primeira vez na história, todos os países participantes continham mulheres em suas delegações e todos os esportes contaram com a modalidade feminina.

Um feito notório se comparado ao fato de que, há poucos anos, vários países ainda disputavam o evento compostas apenas de atletas homens. Além disso, a Arábia Saudita, um país marcado pela exclusão das mulheres do esporte cedeu à pressão e mandou duas atletas para o evento, uma no atletismo, outra no judô. Os EUA, também de forma inédita, chegam com uma delegação com maioria feminina, com 268 mulheres e 261 homens.

Fatos esses que podemos observar nos recortes a seguir:


Figura 1 – Recorte do Site Folha.com.br

13/08/2012 - 03h45

Na Olimpíada da igualdade, mulheres puxam vitória

MARIANA LAJOLO
ENVIADA ESPECIAL À LONDRES

Recomendar 43 +1 1



Sarah Attar, 19, correu por mais de 30 segundos sozinha pela pista de atletismo do Estádio Olímpico de Londres. Era a última colocada em sua bateria dos 800 m, mas a torcida aplaudia entusiasmada.

[Atletas e cartolas fazem lobby pelo pentatlo nos Jogos](#)
[Veja o retrospecto do Brasil em Olimpíadas em um minuto](#)
[Vídeo relembra os 17 medalhistas olímpicos do Brasil](#)
[Confira o quadro de medalhas de Londres-2012](#)

Pela primeira vez uma mulher da Arábia Saudita disputava uma prova do atletismo nos Jogos Olímpicos.

Sarah é símbolo de um pequeno grupo silencioso de mulheres que entrou para a história nesta Olimpíada. Pela primeira vez, todos os 204 países presentes na competição levaram atletas de ambos os sexos para o evento.

E houve disputas femininas em todos os esportes.

Um marco que também se refletiu na disputa por pódios. Foram as mulheres que puxaram a campanha vitoriosa dos EUA sobre a China no quadro de medalhas.

E as norte-americanas bateram as chinesas na corrida pelo primeiro lugar dos Jogos.

Nos EUA, 58 das 104 medalhas conquistadas pertencem a mulheres. No quadro da China, 49 dos 87 pódios saíram de disputas femininas.

"Nos últimos dez, 20 anos, grande parte do sucesso que tivemos, em comparação com outros países, foi por causa das nossas mulheres. Temos orgulho disso", afirmou Scott Blackmun, CEO do Comitê Olímpico Norte-Americano.

Fonte: Site Folha.com.br 13/08/2012.

Figura 2 – Recorte do Site Globoesporte.com

27/07/2012 21h04 - Atualizado em 27/07/2012 21h05

Judoca saudita, pivô da polêmica do véu, desfila na abertura dos Jogos

Mesmo com o risco de não competir por ter sido vetada de usar vestimenta na luta, Wojdan Ali Seraj Abdulrahim Shaherkani esteve no Estádio Olímpico

Por GLOBOESPORTE.COM
Londres

12 comentários Tweetar 10 Recomendar 4

A judoca Wojdan Ali Seraj Abdulrahim Shaherkani chegou a Londres no meio da semana como a primeira atleta saudita a poder disputar uma Olimpíada - ao lado de Sarah Attar, do atletismo. No entanto, ela se tornou pivô de uma polêmica que pode deixá-la fora dos Jogos 2012, já que a Federação Internacional de Judô (FIJ) vetou a utilização do hijab (vestimenta que cobre todo o corpo, deixando apenas o rosto à mostra) durante as lutas.

Com a decisão da FIJ, a Arábia Saudita ameaçou abandonar as Olimpíadas de Londres se suas atletas mulheres não utilizassem o véu para cobrir a cabeça. O Comitê Olímpico Internacional (COI) deve fazer uma reunião de emergência com representantes do Comitê Olímpico da Arábia Saudita, da FIJ e da organização dos Jogos de Londres. Alheia à polêmica, a judoca peso-pesado (+78kg) participou do desfile da cerimônia de abertura no Estádio Olímpico, carregando bandeirinhas do seu país.



Fonte: Site Globoesporte.com 27/07/2012.

As reportagens estudadas para esse artigo, quase sempre dão menor enfoque às notícias com atletas do sexo feminino. As matérias são, na maioria, apenas informativas. O que acontece, na maioria dos casos, é a necessidade de usar a palavra “feminino”, pois o restante dos assuntos é todo retratado de atletas homens.

Em poucas oportunidades as atletas brasileiras ganharam destaque por suas performance nos jogos. Uma das exceções foi a atleta Sarah Menezes que conquistou primeiro ouro do judô feminino, como pode-se verificar no recorte:

Figura 3 – Recorte do Site Globoesporte.com

28/07/2012 12h27 - Atualizado em 28/07/2012 16h52

Histórico: Sarah Menezes conquista primeiro ouro do judô feminino

Brasileira derrota romena Alina Dumitru e leva primeira medalha dourada do país em Londres 2012. Judô ultrapassa a vela em medalhas olímpicas

Por **Gabriele Lomba**
Direto de Londres

327 comentários  499  2 mil

Quando saiu do Brasil rumo a Londres, a pequena **Sarah Menezes** carregava expectativas desproporcionais para seu tamanho. Lutadora mais leve da seleção de judô, a peso-ligeiro, de apenas 1,52m e 48kg, era a grande esperança de primeira final olímpica do Brasil entre mulheres na história da modalidade. A piauiense de 22 anos, porém, foi além: com a vitória neste sábado sobre a romena Alina Dumitru, campeã dos Jogos de Pequim 2008, Sarah entrou para a história como a primeira mulher brasileira a ganhar uma medalha de ouro no judô nas Olimpíadas. A grandeza da conquista pode ser medida também na comparação com outras modalidades. Até este sábado, só uma mulher brasileira havia conseguido o ouro em prova individual na história das Olimpíadas: Maurren Maggi, no salto em distância, em Pequim 2008.

Fonte: Site Globoesporte.com 28/07/2012.

Agora se tratando do futebol, esporte idolatrado no Brasil, o que se observou durante esses dois meses e que mais chama a atenção, que mesmo nos Jogos Olímpicos, pouco ou quase nada se vê sobre o futebol feminino, em contraposto ao futebol masculino que quase sempre foi destaque nos *sites* acompanhados.

Na maioria das inclusões de imagens ou textos analisados sempre há referência direta ou indiretamente à jogadora Marta, a qual sem dúvida é a maior estrela do futebol feminino do Brasil. Outra jogadora que também foi destaque durante as Olimpíadas foi a atleta Cristiane. Como podemos observar nos recortes a seguir:

Figura 4 – Recorte do Site Globoesporte.com

25/07/2012 08h05 - Atualizado em 25/07/2012 09h37

Hora de encarar os traumas: Seleção de Marta abre os Jogos para o Brasil

Em busca da inédita medalha de ouro, meninas do futebol estreiam contra Camarões e tentam superar corte de Elaine e derrotas recentes nas finais

Por GLOBOESPORTE.COM
Cardiff, País de Gales

31 comentários [Tweeter](#) 44 [Recomendar](#) 82



Os Jogos Olímpicos de Londres começam nesta quarta-feira para o Brasil. Em busca da tão sonhada e inédita medalha de ouro, a Seleção feminina de futebol encara Camarões, no Millenium Stadium, em Cardiff, País de Gales, às 14h45m (de Brasília), já que o futebol não será disputado somente em Londres. Para atingir o feito, no entanto, o time do técnico Jorge Barcellos terá de superar dois traumas: um recente e um que se tornou uma constante. A partida terá transmissão ao vivo do SporTV e acompanhamento em Tempo Real no GLOBOESPORTE.COM.

Fonte: Site Globoesporte.com 25/07/2012.

Figura 5 – Recorte do Site Globoesporte.com

31/07/2012 05h27 - Atualizado em 31/07/2012 05h35

Vale a ponta: Marta & cia. estreiam em Wembley contra britânicas

Já classificada, Seleção feminina joga pela primeira vez no estádio e briga pela liderança do Grupo E. Partida começa às 15h45m (de Brasília)

Por GLOBOESPORTE.COM
Londres, Inglaterra

3 comentários [Tweeter](#) 27 [Recomendar](#) 13

saiba mais

- [Veja a página do futebol olímpico](#)
- [De olho no ouro, Marta vira DJ e apresentadora de rádio na Suécia](#)

As jogadoras da seleção brasileira feminina de futebol poderão finalmente dizer nesta terça-feira: "Estamos em Londres". Após garantir a vaga antecipada nas quartas de final das Olimpíadas com duas vitórias em Cardiff, no País de Gales, o time treinado por Jorge Barcellos encara a Grã-Bretanha em Wembley pela última rodada do Grupo E, às 15h45m (de Brasília), com transmissão ao vivo do SporTV e acompanhamento em Tempo Real no GLOBOESPORTE.COM. A vitória vale a liderança e uma certeza: Marta & cia. só retornarão ao tradicional estádio londrino se chegarem à terceira final seguida dos Jogos.

Fonte: Site Globoesporte.com 31/07/2012.

Figura 6 – Recorte do Site Folha.com.br

13. Folha de S.Paulo - Esporte - Cristiane decide, Brasil vence e avança às quartas - 28/07/2012

... 28/07/2012 - 12h42 Cristiane decide, Brasil vence e avança às quartas VINÍCIUS BACELAR COLABORAÇÃO PARA FOLHA A seleção feminina de futebol assegurou sua presença nas quartas de ... rodada do Grupo E. O gol da vitória foi marcado por Cristiane --o seu 12º tento na história das **Olimpíadas**. Veja como foi o jogo Conheça os atletas olímpicos Veja o especial de ...

<http://www1.folha.uol.com.br/es...vence-e-avanca-as-quartas.shtml>

14. Folha de S.Paulo - Esporte - Mulheres do futebol tentam se aproximar das quartas - 28/07/2012

... 28/07/2012 - 04h22 Mulheres do futebol tentam se aproximar das quartas MARTÍN FERNANDEZ ENVIADO ESPECIAL A MANCHESTER A seleção feminina de futebol enfrenta a Nova Zelândia neste ... para encaminhar sua classificação ao mata-mata. Conheça os atletas olímpicos Veja o especial de Londres-2012 Depois de golear Camarões na estreia (5 a 0), o time de **Marta** e ...

<http://www1.folha.uol.com.br/es...-se-aproximar-das-quartas.shtml>

15. Folha.com - BBC Brasil - Maior jogadora do futebol feminino, Marta tenta 1º grande título pela seleção - 25/07/2012

... 25/07/2012 - 09h23 Maior jogadora do futebol feminino, **Marta** tenta 1º grande título pela seleção DA BBC BRASIL A seleção feminina de futebol do Brasil dá início nesta quarta-feira à ... dos atletas brasileiros Em campo, a maior atleta da história do futebol feminino, a atacante **Marta**, 26, tenta superar o trauma do Brasil nas últimas duas **Olimpíadas**, quando a ...

<http://www1.folha.uol.com.br/bb...rande-titulo-pela-selecao.shtml>

Fonte: Site Folha.com 28/07/2012

Figura 7 – Recorte do Site Globoesporte.com

25/07/2012 16h33 - Atualizado em 25/07/2012 19h07

Marta e Cristiane brilham, Brasil goleia e estreia com o pé direito nos Jogos

Meninas batem Camarões por 5 a 0. Camisa 10 marca dois, e atacante sai do banco para torna-se a maior artilheira da história do torneio olímpico

Por GLOBOESPORTE.COM
Cardiff, País de Gales

201 comentários  191  Recomendar 710

Antes mesmo da festa de abertura, de a tocha chegar ao Estádio Olímpico, do desfile das delegações ou do show do ex-Beatle Paul McCartney, na sexta-feira, os brasileiros já tiveram sua primeira alegria nos Jogos Olímpicos. Em busca da inédita e tão sonhada medalha de ouro, a seleção brasileira feminina de futebol - comandada por Marta e Cristiane - estreou com goleada por 5 a 0 sobre Camarões e deu o pontapé inicial da delegação brasileira com o pé direito nos Jogos de Londres.

Marta, com duas bolas na rede, e Cristiane, que tornou-se a maior artilheira da história do torneio olímpico, com 11 gols, foram os destaques do Brasil. O jogo foi no Millennium Stadium, em Cardiff, País de Gales, já que a competição de futebol não será concentrada somente em Londres. O palco é o mesmo da estreia do futebol masculino, nesta quinta-feira, às 15h45m, contra o Egito. O SporTV transmite a partida ao vivo, e o GLOBOESPORTE.COM acompanha em Tempo Real

Fonte: Site Globoesporte.com 25/07/2012.

As matérias e as fotografias não superam basicamente o acompanhamento da seleção feminina e praticamente silenciam sobre questões táticas ou técnicas aprofundadas, ou informações complementares das atletas femininas (habilidades,

time, características) que poderíamos esperar caso estivesse em evidência a equipe masculina.

Os resultados alcançados tanto positivos quanto negativos, são resumidos basicamente nas atuações da atleta Marta, ou seja, se ela joga bem o Brasil vai bem, se não joga bem o Brasil acaba perdendo, e a culpa recai sobre ela. Antes mesmo de dar início a participação feminina nos Jogos, a seleção de futebol do Brasil é chamada de a “A seleção de Marta”, e após a derrota para a seleção Japonesa, Marta é considerada maior culpada, como podemos verificar nas matérias a seguir:

Figura 8 – Recorte do Site Folha.com.br

03/08/2012 - 16h00

Cinco vezes melhor do mundo, Marta fracassa outra vez com a seleção

VINÍCIUS BACELAR
COLABORAÇÃO PARA FOLHA

PUBLICIDADE

Recomendar 16 +1 1 Ouvir o texto



A atacante brasileira Marta, 26, já bateu o recorde de premiações como melhor atleta do ano no futebol. Nenhum jogador ou jogadora conquistou cinco vezes tal honraria como ela.

- [Confira o quadro de medalhas](#)
- [Seleção feminina de futebol é eliminada e faz sua pior campanha nos Jogos](#)

Carl de Souza/France Presse



Marta em jogo contra a Grã-Bretanha

Mesmo com tanto destaque individual, a alagoana de 1,61m e 57kg, que atualmente defende o Tyreso, da Suécia, não levantou um troféu de expressão com o Brasil.

Ela foi a grande decepção da equipe que fez a pior campanha da seleção feminina na história dos Jogos Olímpicos.

Marta fez apenas dois gols nesta edição e ficou à sombra de Cristiane, que também marcou dois, mas virou a maior artilheira de todas as Olimpíadas com 12 gols.

Fonte: Site Folha.com.br 03/08/2012.

Figura 9 – Recorte do Site Globoesporte.com

03/08/2012 14h48 - Atualizado em 03/08/2012 19h42

Com Marta apagada, Brasil perde para o Japão e dá adeus aos Jogos

Após início promissor, meninas voltam a mostrar futebol pouco convincente, perdem por 2 a 0 e ficam fora das semifinais pela primeira vez na história

Por GLOBOESPORTE.COM
Cardiff, País de Gales

713 comentários Tweetar 156 Recomendar 799



Sem apresentar um futebol convincente em qualquer momento do torneio, chegou ao fim, nesta sexta-feira, o sonho da medalha olímpica para as meninas do futebol brasileiro. Mais uma vez com Marta apagada e pouco produtiva, o Brasil perdeu por 2 a 0 para o Japão, no Millenium Stadium, em Cardiff, País de Gales, e deu adeus aos Jogos de Londres.

Fonte: Site Globoesporte.com 03/08/2012.

No decorrer dos jogos outra atleta da seleção feminina ganha destaque, Cristiane. Ela divide a atenção com Marta, e acaba entrando para história das Olimpíadas ao se tornar a maior artilheira do torneio.

Figura 10 – Recorte do Site Folha.com.br



Fonte: Site Folha.com.br 25/07/2012.

A trajetória da seleção feminina de futebol ,nos Jogos de Londres 2012, pode ser resumida da seguinte forma, o Brasil estréia com vitória de 5 x 0 contra equipe de Camarões, depois vence segundo jogo por 1 x 0 contra equipe da Nova Zelândia e ainda na fase de grupos, perde de 0 x 1 para Grã-Bretanha e assim se classifica em segundo lugar na chave. Na fase seguinte (quartas de final), enfrenta o Japão, acaba perdendo e assim se despedindo das Olimpíadas de Londres. A queda nas quartas de final é o pior desempenho feminino nos jogos.

A seleção brasileira de futebol feminino nas olimpíadas esteve presente nas disputas por medalhas desde o início da modalidade nos jogos em 1996, entretanto, o segundo lugar masculino parece nos decepcionar muito mais do que o fato das mulheres terem ficado longe da disputa por medalhas pela primeira vez.

Enquanto a seleção masculina foi reverenciada (pelo menos até perder o ouro) e levou para Londres uma gama de “novos craques”, a feminina continuou a depender de talentos individuais como os de Marta e Cristiane, e não conseguiu reconhecimento merecido.

Por que não houve renovação da equipe? Simples: onde meninas podem jogar futebol no Brasil? É difícil, até mesmo, formar turmas nas “escolinhas”, quem dirá achar clubes que invistam e incentivem essa modalidade. Enquanto o futebol

feminino for tratado como “amador” não podemos esperar medalhas de ouro ou grandes conquistas, a não ser claro, que o esforço e superação dessas atletas que tanto lutam para representar nosso país, resultem em conquistas que talvez mudem o pensamento da mídia e da sociedade em geral.

Fugindo um pouco do futebol, e seguindo nas análises dos sites, notamos que algumas matérias das olimpíadas acabam confrontando a condição da “essência feminina” em relação as habilidades no esporte. Muitas vezes os resultados e conquistas das mulheres são deixados de lado, para se destacar os atributos “físicos” das mesmas. São comuns reportagens que ressaltam a “beleza” das atletas, conferindo a mulher um papel supérfluo na perspectiva esportiva. Como podemos visualizar nas imagens e trechos extraídos do globoesporte.com e folha.com.br:

Figura 11 – Recorte do Site Folha.com.br

13/08/2012 - 03h36

Confira a retrospectiva e os destaques de cada um dos dias dos Jogos

DE SÃO PAULO

Recomendar 1 +1 0



Londres-2012 significou a consagração do velocista jamaicano Usain Bolt, que repetiu o 'triplo ouro' de Pequim-2008, e do nadador norte-americano Michael Phelps, que, com suas 22 medalhas, tornou-se o recordista de medalhas olímpicas em todos os tempos.

- [Confira o desempenho dos esportes do Brasil em Londres-2012](#)
- [Confira a retrospectiva das Olimpíadas de Londres em 1908, 1948 e 2012](#)

Mas muitos outros atletas, brasileiros e estrangeiros, tiveram seus momentos de fama. Às vezes, por suas virtudes esportivas ou pela falta de demonstração da aptidão que se esperava deles. Em outras, atraíram vistas por seus atributos físicos ou por pequenos deslizes cometidos na Olimpíada britânica.

Confira abaixo os destaques, os fiascos, as musas e os tombos de cada um dos dias:

- [Bandeira trocada, racismo na web e musa italiana marcam 1º dia](#)
- [Musa real, fiasco espanhol e nova baixa no Brasil marcam 2º dia](#)
- ['Cego' sul-coreano, musa russa e gafe em jornal marcam 3º dia](#)
- [Melhor início brasileiro, queda de astro e musas da areia marcam 4º dia](#)
- [Volta do basquete, musa judoca e adeus espanhol marcam 5º dia](#)
- [Barracos no Twitter, êxtase britânico e musas do vôlei marcam 6º dia](#)
- [Fiasco brasileiro, musa romena, recorde e 'abadá' marcam 7º dia](#)
- [Jogo de comadres, fiasco celeste e duelo de musas marcam 8º dia](#)
- [Ginasta negra, juiz expulso, musa nacional e até mordida marcam 9º dia](#)
- [Quedas brasileiras, declínio chinês e até neonazismo marcam 10º dia](#)
- [Nova 'refugada' brasileira, beijo na pista e até desmaio marcam 11º dia](#)
- [Raio jamaicano, mais um bronze e festa britânica marcam 12º dia](#)
- [Reação brasileira, queda de musa e 'derranadas' marcam 13º dia](#)

Fonte: Site Folha.com.br 13/08/2012.


Figura 12 – Recorte do Site Folha.com.br

A MUSA


Embora algozes do Brasil no vôlei feminino (o dia, aliás, foi complicado para o país), as norte-americanas merecem respeito. Tanto porque são atuais campeãs olímpicas, quanto porque tiveram coragem para participar de um ensaio da "ESPN Magazine", no início do mês, chamado "Body Issue" --algo como "edição do corpo"--, na qual esportistas consagrados são fotografados nus para a revista dos EUA. Sete jogadoras aparecem nuas, entre elas a líbero Stacy Sykora, ex-Vôlei Futuro, de Araçatuba (SP).

ESPN - Body Issue 2012

Ver em tamanho maior >



Reprodução



Fonte: Site Folha.com.br; 30/07/2012.

Figura 13 – Recorte do Site Globoesporte.com

07/08/2012 09h24 – Atualizado em 07/08/2012 09h40

Musa paraguaia, Leryn Franco chama atenção em Londres, mas é eliminada

Sem boa marca em eliminatória, beldade do lançamento de dardo se despede das Olimpíadas. Brasileira também não avança para a final

Por GLOBOESPORTE.COM
Londres, Inglaterra

69 comentários

Tweetar 49

Recomendar 106

Um colírio para os olhos desfilou graça no Estádio Olímpico de Londres. Eleita a mulher mais sexy do mundo em 2010 por uma revista americana, a paraguaia Leryn Franco teve uma rápida participação pelas Olimpíadas de 2012. Na fase eliminatória do lançamento de dardo, a "Larissa Riquelme" do atletismo, que competiu com os cabelos arrumados e o rosto maquiado, não conseguiu uma boa marca (51,45m e a 34ª colocação) e ficou fora da final.



Fonte: Site Globoesporte.com 07/08/2012.

Figura 14 – Recorte do Site Globoesporte.com

10/08/2012 17h38 – Atualizado em 10/08/2012 20h34

Musas holandesas vencem Argentina e garantem bicampeonato no hóquei

Europeias ganham por 2 a 0 e conquistam segundo ouro olímpico seguido. 'Las Leonas' sobem ao pódio pela quarta vez consecutiva

Por Bianca Rothler
Direto de Londres

59 comentários

Tweetar 31

Recomendar 158

O sonho do primeiro ouro olímpico da Argentina no hóquei sobre a grama foi novamente adiado. Na final feminina de hóquei, nesta sexta-feira, as holandesas, que fizeram sucesso em Londres por causa da beleza de suas jogadoras, derrotaram as argentinas por 2 a 0 e garantiram o bicampeonato olímpico na modalidade. O título coroaria a melhor geração da história do hóquei argentino, porém "Las Leonas", como são conhecidas, novamente bateram na trave, para alegria dos torcedores holandeses, que compareceram em grande número à Arena Riverbank.

- Foi como se estivéssemos jogando na Holanda. A maior parte da torcida era laranja, então foi como um jogo em casa. Foi maravilhoso - disse a capitã holandesa, Maartje Paumen, autora do segundo gol da final.



Fonte: Site Globoesporte.com 10/08/2012.

Nos Jogos, a competência da mulher no esporte é deixada de lado para destacar “as musas” das Olimpíadas. No entanto não acontece o mesmo com os homens, não foram encontradas matérias que revelassem “muso” ou “beldade” nas modalidades masculinas.

Tratando ainda de questões estereotipadas, como a beleza feminina em prol a prática esportiva, podemos destacar o vôlei de praia, em que as atletas mulheres foram questionadas por não usarem biquínis devido as baixas temperaturas de Londres.

O volei de praia, conhecido por ser um dos esportes que mais exploram a exibição do corpo das atletas, é um dos exemplos mais reais do preconceito que existe em relação as mulheres. Enquanto aos homens é permitido jogar com calções e regatas compridas, somente agora que a vestimenta das mulheres pode ser calção até 3 centímetros acima do joelho e camisetas de manga longa, antes lhes era permitido somente biquínis com no máximo sete centímetros de largura lateral.

Nos Jogos de 2012, além do traje feminina mais comprido, outra polêmica envolvendo o volei de praia foi o uso de “biquínis da vovó” das animadoras de torcida, como nos mostra o trecho retirado do *site* globoesporte.com:

Figura 15 – Recorte do Site Globoesporte.com

30/07/2012 16h47 - Atualizado em 30/07/2012 17h13

Com 'biquíni da vovó', dançarinas roubam a cena no vôlei de praia

Traje grande demais para padrões brasileiros incomoda suecos, mas alegria britânicos que planejam ida ao Rio em 2016 por roupa 'menor que um cinto'

Por **Cahê Mota**
Direto de Londres

32 comentários |  10 |  Recomendar | 23

O figurino não era assim tão sensual, mas ninguém no Horse Guards Parade se importou com isso. Como já virou costume em competições de vôlei de praia, a festa dos torcedores estava garantida fosse com bola no ar ou não – principalmente para a ala masculina. Empolgadíssimas e trajando um “biquíni da vovó”, as cheerleaders têm sido um show a parte na praia improvisada no coração de Londres para os Jogos Olímpicos de 2012.

Seja simplesmente para formar o corredor de entrada das duplas na quadra, nas apresentações durante os intervalos ou mesmo que de roupão enquanto acompanham as partidas, as dançarinas londrinas têm levantado o público e viraram atração. Tanto que há quem viva a emoção de acompanhar as Olimpíadas de perto sem nem dar bola para os atletas, caso dos xarás britânicos Dean Franklin, de 22 anos, e Dean Cheung, de 21.



Fonte: Site Globoesporte.com 30/07/2012.

De forma geral a apreciação da mídia acaba por desenhar o papel da mulher como simples coadjuvante na história, particularmente num país que ainda acha que futebol e outros esportes “é coisa de homem”, elas acabam perdendo espaço e não são reconhecidas como elementos constituintes de uma cultura esportiva.

Pode-se dizer que algumas matérias são machistas, quando se é homem olha-se as conquistas e habilidades e quando é mulher olha-se “beleza”. Será que uma mulher não pode ser uma atleta e ser feia, ou vice versa? E se ela for bonita trará mais medalhas para o seu país?

Como é o caso da nadadora Australiana Leisel Jones, que apesar de ser 3 vezes campeã olímpica foi criticada por estar acima do peso, como mostra reportagem:

Figura 16 – Recorte do Site Globoesporte.com

26/07/2012 08h00 - Atualizado em 26/07/2012 08h20

Chamada de gordinha, nadadora ouve pedido de desculpas de ministra

Australiana Leisel Jones, três vezes campeã olímpica, tem sido criticada por sua forma física. Ela contou com a defesa da ministra de esportes

Por GLOBOESPORTE.COM
Londres, Inglaterra

72 comentários

Tweetar 27

Recomendar 65



Três vezes campeã olímpica (2004 e duas vezes em 2008) a nadadora australiana Leisel Jones tem sido "bombardeada" pela imprensa de seu país desde sua chegada em Londres. Segundo a mídia, a atleta não se apresentou com uma boa forma física para as Olimpíadas de Londres. Alguns veículos afirmaram, inclusive, que atleta não poderia caber em seu maiô de competição. Entretanto, a ministra de esportes da Austrália, Kate Lundy, se mostrou incomodada com a situação e fez questão de pedir desculpas publicamente para Leisel.

Fonte: Site Globoesporte.com 26/07/2012.

Fica evidente pelas matérias analisadas que, além do preconceito que as mulheres enfrentam, da sociedade, visto que têm de superar a falta de estrutura, incentivo e de apoio para vencerem no esporte, elas ainda recebem da mídia um tratamento que as mantêm distante do público e, assim os veículos midiáticos acabam afastando a presença feminina do mundo esportivo.

Repetidamente, comparadas aos homens ou lembradas pelos atributos de “beleza” ao invés das questões do esporte em si, as mulheres acabam perdendo notoriedade em um universo que já deveria ter a reconhecido.

Porém, pelo menos para algumas publicações, os sites dão sinais de avanço, e trazem dados que acarretam na participação feminina como um dado positivo. (Número mulheres, participação Arábia, medalhas femininas).

Além disso, tais veículos interpretaram positivamente as conquistas femininas, e ressaltam o incentivo para que, os jogos do Rio de Janeiro em 2016 possam ser as primeiras Olimpíadas com igualdade total de gênero e a distribuição de um número igual de medalhas para os dois sexos.

A equidade de gênero nos esportes é um aspecto importante para ajudar a colocar um fim à discriminação de gênero na sociedade.

Não se espera com esse trabalho que a mulher seja tratada de forma diferenciada, que somente caiba elogios e destaques as conquistas femininas, espera-se sim que se de o devido valor a luta das atletas pela sua participação nos Jogos e assuma papel relevante na cultura esportiva.

A questão do futebol feminino, em especial, não dever ser a comparação com os homens, pois a busca de igualdade não deveria ser medida pelo espaço reservado, pela mídia, a cada um, ou pelas conquistas de cada um, mas que ambos tivessem oportunidades e tratamento acompanhados de incentivo proporcional, buscando uma cultura esportiva igualitária.

Enfim, sendo 2012 o primeiro ano que as mulheres competem em todas as modalidades, talvez elas estejam prontas para contribuir ainda mais com a história do esporte. O fato é que as mulheres têm mostrado que podem competir em áreas que antes eram consideradas exclusivamente masculinas, e elas merecem devido reconhecimento e valor.

5. Considerações Finais

Tendo como base à temática abordada nesse artigo, vemos que o esporte, não existe independentemente de uma cultura social. No momento em que o esporte assume o papel de fenômeno social, este é transformado pela cultura e pela sociedade em questão. Sendo assim, o esporte é uma realidade mutável, e como tal

suas regras, os preconceitos, as discriminações, que fazem parte do seu contexto, também o são.

Nesse aspecto, ser mulher no contexto esportivo, tem sido, e ainda é, viver à sombra de questões culturais advindas da hierarquização masculina. A mulher já está começando a mudar essa história, mas é uma questão bastante complexa, para isso, é necessária a ação conjunta de várias instituições sociais, como a escola, família e a mídia.

Através dos dados obtidos nesta pesquisa, identificamos, que ainda nos dias de hoje, há de fato uma necessidade da reconstrução do papel da mulher na sociedade, e de sua inserção no cenário esportivo.

A maneira de apresentação, através da mídia, da mulher que pratica o futebol tende a criar uma falsa identidade do que deveria ser o papel da mulher na sociedade. Embora identifiquemos uma tendência de valorização do futebol feminino futuramente, esta tendência mostrou-se de caráter transitório, sazonal e efêmero, atendendo apenas a uma demanda atual.

Assim, a luta pelos direitos igualitários reside no fato de que, sendo valores construídos socialmente e culturalmente, os atributos sexistas no esporte e em qualquer âmbito da prática e convivência humanas, podem ser revertidos em prol do crescimento de homens e mulheres em conjunto.

A cultura esportiva adequada deve refletir a essência do fenômeno esportivo na sociedade, apresentando o movimento corporal como elemento importante para o desenvolvimento de outros conceitos, justificando sua existência com transformações positivas na vida das pessoas.

A carência de publicações sobre o esporte vinculado à mulher e o fato dela não ter muita visibilidade no meio esportivo quando comparada ao homem, mostra o quanto se fazem úteis estudos sobre esse tema. Acredita-se que se faz necessário uma nova maneira de ver a mulher no esporte, valorizando seus feitos e conquistas, desenvolvendo assim uma cultura esportiva em prol à participação sem distinções de gênero e sexo.

A partir das dificuldades que o sistema esportivo e midiático impõem à inclusão da mulher na prática esportiva, nasce a necessidade de investigação de fenômenos sociais e culturais que muitas vezes não são percebidos, nem considerados de acordo com sua real importância no universo do esporte.

Faz-se necessário uma reflexão e análise, devido a complexidade que envolve o tema. O esporte é um mundo, no qual as mulheres tiveram e têm barreiras a transpor. Sem defendermos um ambiente feminista, e sim um esporte em prol a participação igualitária, com objetivo de preservação do bem-estar e que contemple o bem social a todos que se propõem praticar.

6. Referências Bibliográficas

ALVIN, Bianca. **Mídia esportiva e futebol na construção da cidadania brasileira**. INTERCOM. Rio de Janeiro, 2009.

BERGER, L. Berger; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

BORELLI Viviane. **Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve revisão de estudos**. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, 2001.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: JANOTTI JUNIOR, Jeder; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda (org.). **Mediação e midiaticização**. Salvador: EDUFBA, 2012. P. 31-52.

Comitê Olímpico Brasileiro. Disponível em: <
<http://www.cob.org.br/home/home.asp>>. Acesso em: 28 de maio de 2011.

Confederação Brasileira de Basketball. Disponível em: <
<http://www.cbb.com.br/competicoes.asp>>. Acesso em: 28 de maio de 2011.

Confederação Brasileira de Voleibol. Disponível em: <
<http://www.cbv.com.br/v1/superliga/superliga.asp>>. Acesso em: 28 de maio de 2011.

FALQUETO, Emanuely Silva; DREVES, Aleta Tereza. **Futebol, Lugar de Homem**. INTERCOM. Fortaleza - CE, 2012.

FAUSTO NETO, Antonio. **O Joelho Aprisionado: estratégias mediáticas e o “Caso Ronaldo”**. Revista Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física. CARVALHO, Sérgio e HATJE, Marli (editores.). Santa Maria – RS: UFSM, 2000 – v3, Ano 3.

FRANZINI, Fábio. "Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol". **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315-328, 2005.

GOELLNER, Silvana V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr./jun. 2005.

_____, Silvana V.; Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. IN: **Revista Pensar a Prática**, v.8, n.1, p.85- 100, 2005. Disponível em: <<http://revistas.ufg.br/index.php/fef/article/viewFile/106/101>> Acesso em: 28 de maio de 2011.

KOFES, Suely. E sobre o corpo não é o próprio corpo que fala? Ou o discurso desse corpo sobre o qual se fala. In Bruhns, Heloisa Turini (Orgs), **Conversando sobre o corpo**, 4ª edição, Campinas, Papirus, 1992.

KNIJNIK, Jorge. D.; SOUZA, Juliana. S. S. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. In **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 35-48, 2007. Disponível em: <www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S180755092007000100004&script=sci_arttext> Acesso em: 27 de maio de 2011.

LOURO, G. **Nas redes dos conceitos de gênero**. In: LOPES, M. G.; MEYER, D.; WALDOW, V. (Org.). **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 12-19, 1996

LOURO, Guacira. L. *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. Editora Vozes. 1997.

MOURÃO, L.; MOREL, M. **As Narrativas sobre o Futebol Feminino: o discurso da mídia impressa em campo**. Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005.

RUBIO Katia.; SIMÕES A. C.; *De espectadoras a protagonistas: A conquista do espaço esportivo pelas mulheres*. Revista Movimento, Ano V, n 11, 1999.

SCHMITZ FILHO, Antonio Guilherme. **A CPI do futebol: agendamento e processualidades sistêmicas**. 2005. Tese (Doutorado) – Ciências da Comunicação/UNISINOS. São Leopoldo, RS.

SCOTT, Joan; **Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 54-73, 1995.

SIMÕES, A. C. (Org). **Mulher e esporte: mitos e verdades**. São Paulo: Manole Ltda, 2003.